

“Fake News” e geração “Nutella”: reflexos de uma modernidade líquida?¹

Franco Dani Araújo e PINTO²

Carmen Silvia RIAL³

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é provocar uma reflexão sobre a possível relação das chamadas *fake news* (notícias falsas) e também do conceito de “Raiz x Nutella”, fenômenos midiáticos recentes, com o comportamento da sociedade contemporânea, do ponto de vista de Bauman (2016), Beck (1995), Giddens (2002) e Hall (2004), o que nos permitiu compreender que a sociedade contemporânea é caracterizada por comportamentos peculiares, como a volatilidade; instabilidade; instantaneidade; fragmentação das identidades; e ruptura, ainda que parcial, com a ordem tradicional das coisas. Um contexto que remete ao sentido de “Nutella”, o oposto de “Raiz”, que significa segurança, estabilidade, solidez, não-ruptura com o tradicional. E que ao mesmo tempo é propício para o surgimento e crescimento das *fake news*, uma vez que a ausência de autoridades definitivas tem levado o “sujeito líquido” a escolher e decidir em que acreditar.

PALAVRAS-CHAVE: *Fake News*; Modernidade; Modernidade Líquida; Nutella; Raiz.

INTRODUÇÃO

Fake News (ou notícias falsas, traduzido do inglês) e “Raiz x Nutella”. Termos que, pelo menos num primeiro momento, parecem não ter qualquer relação. Porém, têm muito em comum, a começar pelo fato de que se tornaram fenômenos nos últimos anos, principalmente nas redes sociais. Araújo (2016) afirma que as *fake news*, por exemplo, são tão antigas quanto os próprios meios de comunicação de massa. Mas, em reportagem da BBC⁴, publicada em 27 de janeiro de 2018, o jornalista Mike Wendling explicou que a expressão “*fake news*” evoluiu de fato em meados de 2016. Segundo ele, “[...] o editor de mídia do site BuzzFeed⁵ (empresa de mídia digital), Craig Silvermann, identificou uma onda de histórias completamente inventadas que pareciam ter sido originadas em uma pequena cidade do leste europeu”.

¹ Trabalho apresentado na “DT 8 – Estudos Interdisciplinares” do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: francodrd@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: rial@cfh.ufsc.br.

⁴ Reportagem intitulada “Como o termo ‘*fake news*’ virou arma nos dois lados da batalha política mundial”, publicada em janeiro de 2018 e disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796>. Acesso em: 03 de Mar. 2018.

⁵ <https://www.buzzfeed.com/about>.

Segundo relato de Silvermann para a reportagem da BBC, “Acabamos descobrindo um conjunto de sites, todos registrados na cidade de Veles, na Macedônia”, onde essas falsas notícias estavam sendo produzidas e de onde eram compartilhadas pelas redes sociais.

Ainda de acordo com a reportagem, Silvermann e um colega “[...] começaram a investigar e, pouco antes da eleição americana, constataram a existência de pelo menos 140 sites de notícias falsas, que estavam atraindo muitos ‘cliques’ no Facebook”. Para o editor de mídia do BuzzFeed, “Os jovens de Veles podiam não ter interesse na política americana, mas, por causa do dinheiro proveniente da publicidade *online*, queriam que suas histórias fictícias reverberassem nas redes sociais”. E a eleição presidencial americana, segundo ele, era perfeita para isso. Foi assim que, segundo a reportagem, “[...] os macedônios e outros criadores de notícias falsas criaram deliberadamente reportagens com títulos como: ‘Papa Francisco choca o mundo e apoia Donald Trump’”. E assim, por causa dessas notícias completamente inventadas, começou a se propagar o termo “*fake news*”.

Em 2017, essa expressão ganhou mais notoriedade midiática e se popularizou por causa das declarações do presidente Donald Trump. Em janeiro do mesmo ano, mês em que tomou posse, Trump usou o termo “*fake news*” repetidas vezes durante uma coletiva de imprensa, na Trump Tower, em Nova York, referindo-se a jornalistas da Rede CNN estadunidense e do BuzzFeed, que participavam da entrevista. Esses jornalistas fizeram perguntas para o presidente eleito, mas ele se recusou a respondê-las, além de atacar verbalmente as duas empresas, acusando-as de terem publicado notícias falsas sobre sua suposta relação com a Rússia, que o teria beneficiado nas eleições. “Vocês são notícia falsa”, disparou Trump contra os jornalistas, conforme noticiado na ocasião pelo jornal *The Guardian*⁶. Desde então, a expressão “*fake news*” ganhou uma dimensão ainda maior. Se antes o termo era usado apenas para descrever um fenômeno midiático, nos últimos tempos se tornou um jargão jornalístico e também sinônimo de difamação.

Com a internet e as mídias sociais, qualquer pessoa é uma produtora de conteúdo em potencial, o que favorece a proliferação de fatos que nem sempre correspondem com a verdade, seja de forma parcial ou integral. No mercado publicitário tem sido um recurso muito utilizado, como um exemplo recentemente retratado nas páginas da revista *Veja*, em sua publicação

⁶ Reportagem disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/11/trump-attacks-cnn-buzzfeed-at-press-conference>>. Acesso em: 03 de Mar. 2018.

eletrônica do dia 12 de janeiro de 2018⁷. De acordo com a reportagem, no dia 4 de dezembro de 2017 foi publicada uma notícia no Portal News Atual informando que a Pepsi teria superado a Coca-Cola em vendas porque a imagem do deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ) passou a estampar as latinhas de refrigerante da marca. Ainda de acordo com a reportagem da revista Veja, essa falsa notícia foi “replicada em cinco páginas do Facebook, com um total de 1,8 milhão de seguidores. Em poucos dias, ela teve mais de 20.000 curtidas e um número considerável de compartilhamentos”, o que mostra que “muita gente não só acreditou, como passou a mentira adiante para depois”. Segundo outra reportagem, essa da BBC Brasil⁸, “*fake news*” foi eleito o termo do ano de 2017, tendo sido mencionado 365% mais vezes que em 2016, motivo pelo qual ganhará menção em dicionário britânico.

GERAÇÃO “NUTELLA”

Quanto ao fenômeno midiático “Raiz x Nutella”, segundo o jornal Gazeta do Povo⁹, sua origem é desconhecida, mas o mais provável é que tenha sido criado por Joaquim Teixeira da Silva, um aposentado que reside em Bragança Paulista (SP) e que ficou famoso na rede social Twitter por seus comentários despreziosos, sinceros e bem-humorados sobre futebol. Atualmente, no mais popular de seus quatro perfis no Twitter¹⁰, Joaquim tem mais de 190 mil seguidores. No dia 27 de setembro de 2016, segundo reportagem de a Gazeta do Povo, Joaquim fez uma postagem que viralizou nas redes sociais. Referindo-se à Copa Libertadores da América de futebol, ele comentou que haviam “nutelizado” o torneio: “Virou um certame de maricas”, disse na ocasião, criticando as novas regras do campeonato.

Em janeiro de 2017, Joaquim fez uma postagem comparando um cachorro “Raiz” e outro “Nutella”: “Nutelizaram até o melhor amigo do homem. Triste”. A postagem teve tantos acessos e compartilhamentos (*retweets*) que chamou a atenção do “Bad, Bad Server”¹¹, um blog do Grupo Gazeta do Povo, que aborda memes, repercussão de notícias nas redes sociais, vídeos,

⁷ A matéria da revista Veja, intitulada “A ameaça das *fake news*”, de autoria dos repórteres Daniel Bergamasco, Eduardo Gonçalves, Ione Aguiar e Thiago Bronzatto, está disponível em: <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/a-ameaca-das-fake-news/>>. Acesso em: 12 de fev. 2018.

⁸ Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695>>. Acesso em: 12 de fev. 2018.

⁹ “A origem do meme ‘Eu Raiz x Eu Nutella’; veja comparações”. Reportagem publicada em 9 de fevereiro de 2017, produzida por Júlio Boll. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/blogs/bad-bad-server/a-origem-do-meme-eu-raiz-x-eu-nutella-veja-comparacoes/>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

¹⁰ Perfil disponível em: <<https://twitter.com/JQTEIXEIRA>>. Joaquim tem outras três contas no Twitter, as quais ele chama de “reservas”: @JOATEI, com mais de 70 mil seguidores; @JOAQUIMTEIXEIRA, com quase 24 mil seguidores; e @JOAQUIMVOLTOU, com cerca de 1.800 seguidores.

¹¹ Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/bad-bad-server/>>.

fanpages, sites e aplicativos. O blog fez uma pesquisa na internet nas semanas que se seguiram e verificaram o surgimento de uma série de *fanpages* de empresas e outras personalidades que caíram na onda das comparações “Raiz x Nutella”. Desde então, o termo passou a fazer parte do cotidiano de muitos usuários das redes sociais e nas rodas de conversa entre amigos.

Joaquim Teixeira reconhece ter sido o criador do termo. Em uma postagem num de seus perfis (@JOAQUIMVOLTOU), em janeiro de 2017, ele *retweetou* a reportagem de a Gazeta do Povo, comentando a seguir: “Estou arrependido, envergonhado de ter idealizado o ‘Raiz Nutela’. Povo da outra rede social (os retardados do Feice) estragaram tudo. Triste”. Mas o que Joaquim estaria sugerindo ao fazer comparações usando as palavras “raiz” e “Nutella”? Como ele nunca se posicionou oficialmente a respeito, dicionários eletrônicos e sites especializados têm especulado algumas definições. A crítica de Joaquim ao “povo da outra rede social” sugere que o termo não estava sendo empregado da forma que ele idealizou. Em muitas *fanpages* criadas exclusivamente para alimentar essa discussão, segundo a reportagem de a Gazeta do Povo, “Raiz” é uma referência às pessoas (ou coisas) autênticas, que preservam sua essência, aquilo que nem sempre todas pessoas veem. Enquanto “Nutella” – cujo nome é atribuído a um creme italiano de avelã muito consumido no Brasil e que significa noz doce – é uma alusão ao lado popular ou aquilo que a pessoa gostaria de ostentar.

Porém, a definição mais recorrente é que, na essência, a expressão “Raiz x Nutella” contrapõe algo autêntico, consistente, de raiz, com algo Nutella, ilegítimo, *fake* (falso), criado, efêmero, passageiro, sem sustentação, como reforça uma reportagem publicada pelo Meio&Mensagem, um dos maiores portais de notícias especializados em comunicação, marketing e mídia no Brasil. Em fevereiro de 2017, o site publicou uma notícia¹² repercutindo uma publicação do portal humorístico Kibe Loco¹³, um dos blogs brasileiros mais acessados, com mais de 500 mil visualizações diárias. A postagem do Kibe Loco trazia uma comparação entre dois cremes de avelã com chocolate muito vendidos no Brasil, sendo um deles o próprio Nutella. Na comparação do Kibe Loco, o Io Iô Crem foi descrito como o “Nutella Raiz”, enquanto seu concorrente, “Nutella Nutella”.

O portal Meio&Mensagem entrevistou Victor Azevedo, especialista digital do IBMEC (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais), que falou sobre a repercussão da postagem do blog Kibe Loco e do aparente silêncio dos responsáveis pela marca Nutella. Sobre sua definição

¹² Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2017/02/21/nutella-ignora-meme-e-reforca-discricao-nas-redes.html>>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

¹³ Disponível em: <<http://www.kibeloco.com.br/meme-raiz-vs-meme-nutella-2/>>. Acesso em: 27 de fev. 2018.

do que entendia por “Raiz x Nutella”, o especialista disse: “Os indivíduos se apoderaram da marca como um adjetivo, algo feito de forma sutil, contrário a algo de ‘Raiz’, ou seja, sem muita frescura ou sutileza”. “É uma forma de confrontar, de forma bem-humorada, o que é real e o que é *fake*”, completa o Abacus Liquid¹⁴, um blog especializado em assuntos sobre o mercado financeiro e economia, que em fevereiro de 2017, na “onda” do “Raiz x Nutella”, fez uma postagem bem-humorada e recebeu mais de 11 mil visitas.

Concluindo esta primeira etapa do trabalho, é importante esclarecer que foi necessário abordar os conceitos das expressões “*fake News*” e “Raiz x Nutella”, e de seu entendimento e aplicabilidade pela sociedade atual, para melhor compreensão da discussão a seguir e da relação dessas temáticas com o conceito de “modernidade líquida”, de Zygmunt Bauman, que será abordado no próximo tópico.

MODERNIDADE E HÁBITOS “LÍQUIDOS”

O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão sobre a relação das expressões “*fake news*” e “Raiz x Nutella”, dois fenômenos recentes retratados no tópico anterior, com os efeitos da pós-modernidade, do ponto de vista do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Para isso, usou-se como principal referência o conteúdo da entrevista¹⁵ concedida por Bauman ao jornalista Marcelo Lins, para o programa Milênio, do GloboNews, em 2016, com aporte teórico de outros estudiosos da sociedade contemporânea, como Beck (1995), Giddens (2002) e Hall (2004).

Na referida entrevista, Bauman falou sobre a fluidez do que conceituou de “modernidade líquida”. Para o sociólogo, o século 21 é muito diferente do século 20. “[...] diria que estamos num estado de interregno [...] No interregno não somos uma coisa, nem outra”, ressaltou, referindo-se à identidade do sujeito na pós-modernidade. Nesse sentido, o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2004) contribui afirmando que o sujeito, antes visto como sendo dotado de uma identidade unificada e estável, torna-se fragmentado, composto de não apenas uma, mas de várias identidades (por vezes contraditórias ou mal resolvidas), justamente por conta destas mudanças estruturais nas sociedades modernas desde o final do século XX. É o que Bauman considera “sujeito líquido”. Assim, segundo Hall, o sujeito pós-moderno não possui uma

¹⁴ Disponível em: <<http://abacuslimid.com/raiz-e-nutella/>>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

¹⁵ Disponível na versão textual em: <<http://www.conjur.com.br/2016-jan-01/zygmunt-bauman-neste-seculo-estamos-num-estado-interregno?>>; e em vídeo: <<http://g1.globo.com/globo-news/milenio/videos/v/milenio-a-fluidez-do-mundo-liquido-do-zygmunt-bauman/4661254/>>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

identidade fixa, permanente ou essencial. Esta é definida não biologicamente, mas historicamente, onde

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2004, p. 13).

Através de tal deslocamento e do fato do indivíduo pós-moderno não possuir uma identidade fixa, o teórico propõe uma discussão acerca da existência de uma *crise de identidade*, uma vez que o indivíduo carrega consigo, nessa modernidade tardia, as descontinuidades da sociedade moderna e também as diferentes posições de sujeito.

Uma sociedade onde o sujeito não tem uma identidade fixa, mas a tem de forma fragmentada, a construção do sentimento de nacionalismo, por exemplo (que é um dos pontos que Bauman diz servir como ponto de apoio da formação da identidade do sujeito na “modernidade sólida”) tende a ser uma sociedade que reproduz o comportamento de seus indivíduos. Para Bauman (2016), é nesse contexto que o mundo social contemporâneo se apresenta. Um contexto onde a globalização contribuiu para o encurtamento das distâncias entre as pessoas, mas também para a fluidez e volatilidade das relações sociais. O texto de abertura do jornalista Marcelo Lins para o programa Milênio, do GloboNews, para o qual Bauman concedeu entrevista, traduz bem o retrato dessa realidade contemporânea:

“Houve um tempo em que conceitos eram sólidos. Ideias, ideologias, relações, blocos de pensamento moldando a realidade e a interação entre as pessoas. O século XX, com suas conquistas tecnológicas, embates políticos e guerras, viu o apogeu no declínio desse mundo sólido. A pós-modernidade trouxe com ela a fluidez do líquido, ignorando divisões e barreiras, assumindo formas, ocupando espaços, diluindo certezas, crenças e práticas” (MARCELO LINS, 2016).

Para Bauman (2016), neste mundo social contemporâneo as coisas e pessoas são mais inconstantes e inconsistentes, se modificam rapidamente e se adaptam. A “verdade” de uma postagem na rede social, por exemplo, só dura até a próxima postagem. Até “[...] nossas ações consistem em reagir às crises mais recentes”, ressalta o sociólogo. Pois, para ele, “[...] as crises também estão mudando. Elas também são líquidas, vêm e vão, uma é substituída por outra, as manchetes de hoje amanhã já caducam, e as próximas manchetes apagam as antigas da memória”, reforça Bauman, numa crítica à falta de relação entre o passado (enquanto historicidade) e o presente, como forma de assegurar consistência às coisas.

Por isso, ele faz distinção entre o que chama de “modernidade sólida” e “modernidade líquida”, sendo a primeira um cenário onde havia fixidez nas relações sociais, onde o foco era, segundo Bauman, “a construção das bases do poder da sociedade sobre a natureza”, onde a produção representava o desenvolvimento e a coletividade sobrepujava a individualidade. Uma solidez que define a modernidade, a sociedade industrial. O que acontece na sociedade pós-moderna, segundo Bauman (2016), é o contrário. Nela prevalece a cultura do imediatismo, do prazer e da individualização. A visão da felicidade já não está mais em produzir, mas sim em consumir compulsivamente, um hábito potencializado pela Internet, sistema global de comunicação em rede cuja história se confunde com a da globalização. É nesse contexto, de acordo com o sociólogo, que se configura a “modernidade líquida”. “Hoje vivemos na modernidade líquida e na sociedade pós-industrial do consumismo”.

Outro ponto da entrevista de Bauman ao Globo News sobre a “modernidade líquida”, que consideramos importante para melhor compreensão da temática deste trabalho, é quando ele é perguntado pelo jornalista Marcelo Lins sobre a quantidade de informações que as pessoas recebem hoje em dia, mas que contraditoriamente não agregam conhecimento, já que é difícil absorver tanta informação publicada em tantos canais, em tão pouco tempo. Bauman concordou com o jornalista, e acrescentou à sua resposta uma frase do biólogo Edward Osborne Wilson, para quem “Estamos nos afogando em informações e famintos por sabedoria”. Para ele, “Não temos tempo de transformar e reciclar fragmentos de informações variadas numa visão em algo que podemos chamar de sabedoria. A sabedoria nos mostra como prosseguir [...] E é isso que estamos perdendo. Não sabemos como prosseguir”.

O questionamento do jornalista é pertinente, se considerarmos o seguinte cenário: a mídia (e aqui atendo-me exclusivamente aos veículos de imprensa) bombardeia a população com informações a todo momento. E não só de uma comunidade, mas do mundo inteiro, graças à Internet. É possível acessar essas informações por meio de programas de televisão, jornais impressos, revistas, rádio (e web rádios), nas páginas desses veículos de imprensa na internet e em suas mídias sociais, e através de aplicativos para aparelhos móveis etc. São muitos os canais para um grande volume de mensagens.

Filtrar ainda mais esse cenário, considerando apenas veículos de imprensa no universo das mídias sociais, já nos permite uma análise relevante, uma vez que um número considerável de pessoas passa muitas horas em contato com um computador, celular/smartphone ou tablet. Ao longo do dia, essas pessoas vão recebendo as notícias em pequenas doses, como se fossem pílulas, e elas escolhem o que querem ou não ler, ouvir ou assistir. Muitas vezes, pela falta de

tempo ou mesmo de interesse em conhecer o tema de maneira aprofundada, conformam-se apenas com os títulos ou resumos da notícia e, dessa forma, muitas acreditam estar informadas sobre os principais acontecimentos daquele dia. Porém, percebe-se que falta aprofundamento nessa relação entre emissor e receptor da mensagem, falta análise e reflexão, falta formular uma opinião centrada a respeito do que se leu, ouviu ou assistiu.

E é nesse contexto que as *fake news* passaram a ocupar cada vez mais espaço na sociedade pós-moderna, pois há cada vez menos preocupação e tempo em checar se a notícia é verdadeira ou não. E assim, muitas vezes de maneira irresponsável e imprudente, falsas notícias vão sendo repassadas, da mesma forma que se recebeu, sem a devida filtragem e processamento. As tecnologias da informação, de acordo com Bauman (2016), têm sua importância nesse contexto da pós-modernidade. Segundo o sociólogo, no cenário da “modernidade líquida” essas tecnologias são como uma “[...] biblioteca de fragmentos, de pedacinhos, sem algo que os reúna e os transforme em sabedoria, em conhecimento”. Para o teórico, isso “[...] destrói certas capacidades psicológicas, como atenção, concentração, consistência e o chamado pensamento linear, quando você estuda um assunto de forma consistente, e o esgota, vai até o fim”.

Em uma de suas obras, o livro “Modernidade Líquida” (2001), Bauman afirma que a fixidez da “modernidade sólida” foi diluída pela fluidez da “modernidade líquida”, onde, segundo ele, as relações são cada vez mais voláteis na medida em que parâmetros sociais concretos vão se dissolvendo. O mundo está mais individualizado e a sociedade cada vez mais alheia à suas bases históricas, o que tem resultado num cenário de inconstância, incerteza e de falta de referências sociais. Dessa inconstância, incerteza, padrões e referências é que surgiu o conceito de “liquidez”, ou seja, algo volátil, sem sustentação:

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam guiados tão somente por sua própria imaginação e resolução e sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção (BAUMAN, 2001, p. 14).

Para Bauman (2001, p. 14), “Estamos passando de uma era de ‘grupos de referência’ predeterminados a uma outra de ‘comparação universal’, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado”, ou seja, segundo o autor, “não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo”.

A volatilidade, falta de referenciais, a liquidez das coisas e das relações sociais, a instantaneidade e o imediatismo característicos da sociedade contemporânea encontram respaldo na analogia do deserto descrita por Arendt (2012, p. 266), pois, para ela, o deserto é o domínio do instante, do que vivemos aqui e agora. Características de um mundo conformista, sem história, onde a pós-modernidade parece ter causado rompimento entre passado e presente. “O moderno crescimento da ausência-de-mundo, a destruição de tudo que há entre nós, pode também ser descrito como a expansão do deserto”, ressaltou a autora, para quem no deserto “perdemos a faculdade de julgar”. Para ela, apesar de não sermos do deserto, “[...] embora vivamos nele”, corremos o risco de “[...] nos tornarmos verdadeiros habitantes do deserto e nele passarmos a nos sentir em casa”.

Encontramos em Beck (1995) outras características dessa pós-modernidade, ou “modernidade pós-industrial”, a qual o autor também se refere como “modernidade reflexiva”, que segundo ele, possibilita o entendimento e a criação de interpretações capazes de responder às “descontinuidades da modernidade”, resultantes das mudanças da vida moderna. Um processo que, para o autor, favorece o potencial destrutivo que está em jogo na relação dos homens com a natureza e dos homens entre si:

[...] em virtude do seu inerente dinamismo, a sociedade moderna está acabando com suas formações de classe, camadas sociais, ocupação, papéis dos sexos, família nuclear, agricultura, setores empresariais e, é claro, também com os pré-requisitos e as formas contínuas do progresso técnico-econômico. Este novo estágio, em que o progresso pode se transformar em autodestruição, em que um tipo de modernização destrói outro e o modifica, é o que eu chamo de etapa da modernização reflexiva (BECK, 1995, p. 13)

Ao falar da cultura individualista característica desta sociedade contemporânea, Beck (1995, p. 40) afirma que, de uma maneira geral, “Os indivíduos ainda se comunicam e atuam em conformidade com as antigas fórmulas e instituições, mas também se afastam delas, junto com pelo menos parte de sua existência, sua identidade, seu compromisso e sua coragem”. No entanto, segundo o autor, “essa retirada [...] não é apenas uma retirada, mas ao mesmo tempo uma emigração para novos locais de atividade e identidade”. Para Beck (1995), os riscos de grande consequência são a característica de nossa sociedade moderna.

Na mesma linha de raciocínio dos teóricos que discorrem sobre a sociedade contemporânea até aqui citados, encontra-se Anthony Giddens (2002), que prefere o termo “modernidade tardia” (ou “alta”) do que pós-modernidade ou modernidade pós-industrial, pois, para ele, não houve rompimento desta sociedade contemporânea com a chamada modernidade

propriamente dita, uma vez que, para ele, os princípios dinâmicos da modernidade ainda estão muito presentes nos dias atuais.

Assim como Hall (2004), Bauman (2001) e Beck (1995), Giddens (2002, p. 11) ressalta a cultura da individualidade como uma característica da modernidade tardia. Ele parte do ponto de que em uma sociedade tradicional, a tradição limita a identidade social dos indivíduos. Na medida em que ocorre o rompimento, ainda que parcial, com a tradição e preceitos preestabelecidos socialmente, o indivíduo passa a cultivar uma identidade “mutável”. Assim, na sociedade contemporânea as referências de tradição deixam de existir e o indivíduo passa a vislumbrar um cenário de diversidades, possibilidades abertas e escolhas. Enquanto “eu”, esse indivíduo torna-se então um projeto reflexivo, pois torna-se, conseqüentemente, um construtor reflexivo da própria identidade. Daí o fato de Giddens (2002) também concordar com o conceito de modernidade reflexiva.

ANALISANDO O CONTEXTO

Fazendo uma breve relação com as *fake news* e o termo “Raiz x Nutella”, a reflexão de Bauman ao longo de sua entrevista ao Globo News, acrescida da contribuição de Hall (2004), revelam até aqui um cenário favorável para a existência e proliferação desses dois fenômenos na sociedade atual. As *fake news*, por exemplo, surgem num contexto em que não existe preocupação e tempo para checar a veracidade das inúmeras informações que se recebe a todo o momento. As notícias chegam de fontes confiáveis ou não, de toda espécie de produtor de conteúdo. Algumas dessas falsas notícias são “plantadas” propositalmente com objetivos políticos ou comerciais, e outras são publicadas sem má intenção, mas também sem a devida checagem das fontes, seja no âmbito jornalístico ou amador. Assim como o comportamento do sujeito líquido, falta consistência, contexto histórico, credibilidade em parte do conteúdo que é consumido pela sociedade. As notícias estão cada vez mais instantâneas, com prazos de validade mais curtos, mudam a todo momento, tem muitas versões para o mesmo fato. Nada mais do que um reflexo da superficialidade das relações sociais apontadas por Bauman (2001 e 2016) no que ele chama de “modernidade líquida”.

De certa forma, os consumidores de notícias estão cada vez mais ávidos por informação, porém com cada vez menos aprofundamento, e dessa forma tendem a habituar-se com variados conteúdos que lhe são oferecidos sem a preocupação de conhecer o contexto ou checar sua veracidade. Desde que os temas sejam de seu interesse, aceita-se de tudo, como revela uma

reportagem da Revista Veja¹⁶ publicada em janeiro de 2018. A reportagem ouviu Shyam Sundar, diretor do laboratório de pesquisa em mídias sociais da Universidade do Estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Para ele, pessoas acreditam cada vez mais nas *fake news* por causa de um “fenômeno psicológico chamado ‘viés da confirmação’”, que faz com que elas acreditem em “informações que confirmam ou correspondem melhor” às suas crenças e concepções. Da mesma forma, segundo o diretor, “temos uma propensão a descartar tudo o que contradiz nossa visão de mundo [...] porque buscamos satisfazer determinadas necessidades perceptivas em vez de avaliar objetivamente a veracidade das informações”.

Ainda segundo Shyam Sundar, os filtros cognitivos do ser humano se enfraquecem quando eles se deparam com notícias que surgem em suas redes sociais. Isso ocorre, segundo ele, “porque elas são espaços íntimos que refletem a nossa identidade e nos quais estamos cercados por amigos e seguidores, que consideramos sempre bem-intencionados. Acabamos atraídos por um falso senso de credibilidade”. Considerando esse raciocínio, o sujeito tende a confiar em qualquer informação que receba, desde que sua origem seja de uma fonte de sua inteira confiança. “[...] nos deixamos persuadir por histórias compartilhadas por pessoas próximas, sem parar para pensar que elas não são os indivíduos mais capacitados e treinados, nem têm os recursos necessários para verificar as notícias antes de encaminhá-las”, completou o entrevistado da revista Veja, para quem antes, “[...] as fontes de informação vinham da academia e dos veículos de comunicação. Hoje, vêm de todos nós, os leigos”.

Tal comportamento social parece estar refletindo no trabalho da grande mídia, segundo um dos maiores e mais importantes veículos de comunicação do país, a Folha de S.Paulo. No dia 8 de fevereiro de 2018, a Folha anunciou em sua página na internet¹⁷ que estava deixando, a partir daquela data, de atualizar com novas informações sua página no Facebook. O motivo: “Diminuição da visibilidade do jornalismo profissional pela rede social”. Segundo o texto de esclarecimento, “as desvantagens em utilizar o Facebook [...] ficaram mais evidentes após a decisão da rede social de diminuir a visibilidade do jornalismo profissional nas páginas de seus usuários”. Ainda segundo o texto, o Facebook “[...] passou a privilegiar conteúdos de interação pessoal, em detrimento dos distribuídos por empresas, como as que produzem jornalismo profissional”, o que, para o Grupo Folha, “[...] reforça a tendência do usuário a consumir cada

¹⁶ A matéria da revista Veja, intitulada “A ameaça das *fake news*”, de autoria dos repórteres Daniel Bergamasco, Eduardo Gonçalves, Ione Aguiar e Thiago Bronzatto, está disponível em: <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/a-ameaca-das-fake-news/>>. Acesso em: 12 de fev. 2018.

¹⁷ Conteúdo disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/folha-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml>>. Acesso em: 15 de fev. 2018.

vez mais conteúdo com o qual tem afinidade, favorecendo a criação de bolhas de opiniões e convicções, e a propagação das *'fake news'*”.

Quanto ao termo “Raiz x Nutella”, nas leituras que dão sustentação teórica a este trabalho, encontra-se diversos argumentos em que os autores apresentam contrapontos entre a modernidade propriamente dita – ou modernidade industrial, como é chamada por Beck (1995) – e a pós-modernidade (também chamada de modernidade tardia, modernidade pós-industrial, modernidade líquida, modernidade reflexiva). Esse parece ser o conceito do termo “Raiz x Nutella”: contrapor os hábitos e comportamentos de indivíduos de uma época passada com os da sociedade contemporânea. De forma que “Raiz” está sempre veiculada a conceitos tradicionais, e remete à autenticidade e essência, enquanto “Nutella” remete a conceitos diametralmente opostos.

Recorrendo à obra de Giddens (2002), *Modernidade e Identidade*, fica mais fácil compreender o que seria o conceito de “Nutella” quando este é empregado numa comparação entre pessoas ou coisas. Para o autor, romper, ainda que de forma parcial, com a ordem tradicional, é o mesmo que romper com a sensação de firmeza das coisas. No contexto da brincadeira “Raiz x Nutella”, “Raiz” está relacionada a essa sensação de firmeza das coisas, enquanto “Nutella” parece se identificar com um cenário de certa autonomia do indivíduo resultante do rompimento com os modos tradicionais de prática.

Os modos tradicionais de prática são dominantes, o passado insere uma banda larga de ‘prática autenticada’ no futuro. O tempo não está vazio, e um ‘modo de ser’ consistente relaciona o futuro ao passado. Além disso, a tradição cria uma sensação de firmeza das coisas que normalmente mistura elementos cognitivos e morais (GIDDENS, 2002, p. 50).

Nesse sentido, a obra de Giddens (2002, p. 133) também pode ser aplicada ao conceito das *fake news*, pois o autor insere na discussão o que ele chama de “sistema sem autoridades definitivas”, referindo-se ao cenário contemporâneo, onde especialistas das mais diversas áreas do conhecimento estão em constante desacordo sobre suas pesquisas e trabalhos. Esse contexto instável e complexo de argumentos, segundo Giddens, é responsável pela ausência dessas “autoridades definitivas”, como a própria mídia tradicional, por exemplo, e permite ao indivíduo escolher e decidir em que acreditar.

Como os peritos discordam com tanta frequência, mesmo profissionais no centro de um determinado campo de conhecimento podem se encontrar em posição muito semelhante à do leigo diante de decisão análoga. Num sistema sem autoridades definitivas, mesmo as crenças mais acalentadas subjacentes aos sistemas

especializados estão abertas à revisão, e muito comumente são alteradas de maneira regular. O empoderamento está disponível rotineiramente para o leigo como parte da reflexividade da modernidade, mas muitas vezes há problemas sobre como esse empoderamento se traduz em convicções e em ação. Um certo elemento de fortuna, ou de fatalismo, permite assim que a pessoa chegue a uma decisão que só pode ser parcialmente garantida à luz da informação local e especializada disponível (GIDDENS, 2002, pp. 132-133).

O fato de o indivíduo leigo passar a escolher e decidir em que acreditar é um fator que reforça o surgimento e crescimento das *fake news*, uma vez que o critério de verificação das fontes da notícia já não tem a mesma importância. Temos, nesse contexto, o sujeito reflexivo que, se por um lado está cada vez mais ávido por informação, por outro parece estar cada vez menos exigente - não quanto ao conteúdo - mas quanto à fonte, que por sua vez reflete diretamente na consistência e credibilidade desse conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, o aporte teórico de autores como Beck (1995), Giddens (2002), Hall (2004) e Bauman (2001 e 2016) a despeito da sociedade contemporânea serviu para evidenciar as discussões sobre a modernidade propriamente dita e a pós-modernidade. Um ponto importante a ser ressaltado nessa discussão são os contrapontos desses dois momentos da sociedade, que nos dão uma dimensão das mudanças ocorridas entre uma e outra. Para alguns autores, parece ter ocorrido um rompimento do passado com o presente. Para outros, uma ruptura apenas parcial, mas ainda assim significativa principalmente na mudança de comportamento dos sujeitos.

A partir dessas leituras, o presente trabalho nos permitiu verificar que a sociedade contemporânea é caracterizada por uma série de comportamentos peculiares, como a volatilidade; instabilidade; instantaneidade; fragmentação das identidades; e ruptura, ainda que parcial, com a ordem tradicional das coisas. Um contexto que remete ao sentido do termo “Nutella”, o oposto de “Raiz”, que significa segurança, estabilidade, solidez, não-ruptura com o que é tradicional. A expressão “Raiz x Nutella” sugere exatamente comparações entre as coisas ou pessoas ligadas às tradições da modernidade e as do atual contexto pós-moderno.

E esse contexto pós-moderno é, ao mesmo tempo, propício para o surgimento e crescimento do fenômeno “*fake news*”, uma vez que a ausência de autoridades definitivas tem levado o sujeito pós-moderno (ou “sujeito líquido”, segundo Bauman), a escolher e decidir em que acreditar, pois o critério de verificação das fontes da notícia já não tem a mesma relevância.

Araújo (2016, p. 1) reforça essa ideia ao afirmar que “O que torna as *fake news* objeto de discussão não é apenas a falta de credibilidade dos sites em que elas originalmente surgiram, mas o número de vezes que elas são compartilhadas online”. Para o autor, a responsabilidade pelas *fake news* “[...] deve ser compartilhada também [...] entre as milhares de pessoas que contribuem para a sua disseminação”.

Por isso Araújo (2016, p. 3) propõe um caminho oposto ao que a sociedade pós-moderna vem trilhando. No entendimento do autor, o debate atual sobre as notícias falsas deveria “contribuir, não tanto para que elas deixem de existir, ou para que elas sejam banidas das redes sociais, mas para que as pessoas, novamente, possam se tornar mais críticas relativamente às ‘notícias’ que leem e compartilham na internet”. Além disso, “A existência de *fake news* exige [...] não tanto novos sistemas de controle ou censura, mas a emergência de uma cultura que torne as pessoas mais críticas relativamente ao bombardeio de informações” às quais elas são expostas todos os dias.

É, sem dúvida, um desafio num contexto social instável e complexo de argumentos que, segundo Giddens (2002), é responsável pela ausência de referências consistentes, o que permite ao indivíduo dessa modernidade contemporânea não somente escolher e decidir em que acreditar, como também propagar essas informações – especialmente pelas redes sociais – sem se preocupar com a veracidade de suas fontes.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Marcelo de. **Manipulação e fake news. Debate na Biblioteca do Goethe-Institut. 2016.** Apresentação de Trabalho/Comunicação no evento “Manipulação e ‘Fake News’: uma nova forma de comunicação amoral?”, realizado em dezembro de 2016, na Biblioteca do Goethe-Institut (RJ). Disponível em: <www.researchgate.net/profile/Marcelo_Araujo20/publication/318640911_Manipulacao_e_Fake_News_Debate_no_Goethe-Institut/links/59735d48a6fdcc834882a0f5/Manipulacao-e-Fake-News-Debate-no-Goethe-Institut.pdf>. Acesso em: 03 de mar. 2018.

ARENDDT, H. **O deserto e os oásis.** In: ARENDT, Hannah, A promessa da política. Organização e introdução de Jerome Kohn, tradução: Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2010, pp. 266-269. Acessível em: <<https://labirintosdoser.blogspot.com.br/2016/09/hannah-arendt-epilogo-ao-livro-promessa.html>>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. Entrevista 01.01.2016: “**Estamos num estado de interregno. Vivemos na modernidade líquida**”. Acessível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-jan-01/zygmunt-bauman-neste-seculo-estamos-num-estado-interregno?>>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

BECK, Ulrich. **A reinvenção da política.** In: Giddens, A.; Beck, U. e Lasch, Scott. Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, 9ª Edição, DP&A, 2004.